

Capítulo 1

Dame Lettie Colston encheu de novo a caneta e continuou a carta:

Um destes dias espero que escrevas com o mesmo brilhante talento sobre um tema mais alegre. Nestes tempos de guerra fria, *sinto* que devíamos erguer-nos acima da treva e do *smog* e mergulhar na limpidez do cristal.

O telefone tocou. Dame Lettie atendeu. Como receava, o homem falou antes de ela poder dizer uma palavra. Depois de lhe ouvir a frase habitual, ela disse:

— Quem fala? Quem é?

Mas a voz, como nas oito ocasiões anteriores, desligara.

Dame Lettie telefonou para o Provedor do Cliente como lhe fora indicado que fizesse.

— Voltou a acontecer a mesma coisa — disse ela.

— Estou a ver. Tomou nota da hora?

— Foi agora mesmo.

— E com as mesmas palavras?

— Sim — disse ela. — Quero crer que tenha alguma maneira de tentar descobrir...

— Sim, Dame Lettie. Vamos apanhá-lo, claro...

Alguns momentos mais tarde Dame Lettie ligou para Godfrey, o seu irmão.

— Godfrey, aquilo voltou a acontecer.

— Vou passar por aí a buscar-te — disse ele. — Ficas em nossa casa esta noite.

— Que disparate. Não há perigo. É só uma maçada.

— O que é que ele disse?

— A mesma coisa. E com toda a naturalidade, sem nada de ameaçador. É evidente que se trata de um louco. Não sei o que é que a polícia acha do assunto, devem estar a dormir. Há já mês e meio que isto dura.

— E ele não disse mais nada?

— Não, as palavras são sempre as mesmas: *Lembra-te que vais morrer*, e mais nada.

— Deve ser um maníaco — disse Godfrey.

*

Charmian, a mulher de Godfrey, sentada e com os olhos cerrados, tentava impor aos seus pensamentos, que nem lógica nem cronologicamente conseguia articular, essa ordem alfabética que, segundo Godfrey lhe dissera, sempre era melhor do que a desordem absoluta. Charmian tinha oitenta e cinco anos. Havia uns dias, um jornalista viera entrevistá-la para uma revista semanal. E, mais tarde, Godfrey lera-lhe o que aquele jovem escrevera:

... Diante do fogão de sala, estava sentada uma velha senhora frágil, uma senhora que nos seus tempos incendiou o mundo das letras (se não o Tamisa)... A despeito da idade, esta figura lendária mantém uma vivacidade exuberante...

Charmian deu-se conta de estar quase a adormecer e disse, por isso, à criada que tratava de arrumar as revistas em cima da comprida mesa de carvalho junto à janela:

— Taylor, vou dormir cinco minutos. Telefona para São Marcos e diz que estou a sair.

Precisamente nesse momento, Godfrey entrou na sala com o chapéu na mão e o sobretudo vestido.

— O que é que estás a dizer? — perguntou ele.

— Oh, Godfrey! Meteste-me um susto...

— *Taylor*... — repetiu ele. — ... São Marcos... Não vês que não está aqui criada nenhuma e que, além disso, não estás em Venezuela?

— Vem para junto do fogão e aquece-te — disse ela. — E tira o sobretudo — pois pensava que ele acabara de chegar da rua.

— Mas eu vou *sair* — disse ele. — Vou buscar a Lettie que vem cá ficar esta noite. Voltaram a afligi-la com mais uma daquelas chamadas anónimas.

— Aquele que telefonou há dias era um rapaz muito agradável — disse Charmian.

— Que rapaz?

— O da revista. Aquele que escreveu...

— Isso foi há cinco anos e dois meses — disse Godfrey.

«Porque é que uma pessoa não consegue ser mais simpática a falar com ela?», perguntou de si para si enquanto seguia ao volante a caminho de Hampstead e da casa de Lettie. «Porque é que uma pessoa não há-de conseguir ser mais amável?» Godfrey, pelo seu lado, tinha oitenta e sete anos, e estava na posse de todas as suas faculdades. Sempre que considerava o seu próprio comportamento, falando consigo próprio, nunca usava o «eu» e dizia sempre «uma pessoa».

— É difícil para uma pessoa estar com a Charmian — concluiu de si para si.

*

— Que disparate — disse Lettie. — Eu não tenho inimigos.

— *Pensa* — disse Godfrey. — Pensa bem.

— Olha o sinal vermelho — disse Lettie. — E não fales comigo como se eu fosse a Charmian.

— Lettie, por favor, não preciso de lições de condução. Respeitei o sinal. — Travara a fundo, e Dame Lettie fora projectada para diante.

Soltou depois um suspiro eloquente, quando, ao ver acender-se o sinal verde, Godfrey acelerou bruscamente.

— Sabes uma coisa, Godfrey? — disse ela. — Estás estupendo para a idade que tens.

— É o que toda a gente diz. — A condução dele tornou-se moderada; o suspiro de alívio dela foi inaudível, e invisível a leve palmada que deu no seu próprio ombro, como se se felicitasse.

— Na tua posição — disse ele — tens de ter inimigos.

— Que disparate.

— É o que eu te digo — respondeu Godfrey. E acelerou.

— Bom, talvez tenhas razão. — Ele abrandou uma vez mais, o que não impediu Dame Lettie de pensar: «Oh, quem me dera não ter vindo com ele!»

Estavam em Knightsbridge. Bastaria agora mantê-lo bem disposto até chegarem à Kensington Church Street, para virarem na direcção dos Vicarage Gardens onde viviam Godfrey e Charmian.

— Escrevi ao Eric — disse ela — acerca do livro dele. É evidente que ele tem qualquer coisa do brilho que a mãe teve no passado, mas parece-me que o tema tratado não mostra essa alegria e essa esperança que nesses tempos eram a marca de um bom romance.

— Não fui capaz de ler o livro — disse Godfrey. — Não consegui continuar. Um vendedor de automóveis de Leeds e a mulher que passam a noite num hotel com um bibliotecário comunista... Onde é que poderá levar-nos uma história do género?

Eric era o filho de Godfrey. Tinha agora cinquenta e seis anos e publicara recentemente o seu segundo romance.

— Nunca há-de fazer nada tão bom como a Charmian fez — disse Godfrey. — Por mais que se esforce.

— Bem, sobre isso não posso concordar inteiramente contigo — disse ela ao dar-se conta de que já tinham estacionado diante da porta de casa. — O Eric revela um veio de realismo intenso que a Charmian nunca teve...

Godfrey saíra já do carro, batendo com a porta. Dame Lettie suspirou e seguiu-o até à porta, arrependida de ter vindo.

*

— Gostou da sua ida ao cinema, Taylor? — disse Charmian.

— Eu não sou a Taylor — disse Dame Lettie — e, além disso, sempre trataste a Taylor por *Jean* durante os cerca de vinte anos que ela passou ao teu serviço.

Mrs Anthony, a mulher a dias que lhes tratava da casa, entrou trazendo o café e o leite que deixou em cima da mesa.

— Gostou da sua ida ao cinema, Taylor — perguntou-lhe Charmian.

— Gostei, sim, obrigada, Mrs Colston — respondeu a empregada.

— Mrs Anthony não é a Taylor — disse Lettie. — Não há aqui ninguém que se chame Taylor. E, além disso, tu sempre lhe chamaste Jean. Só a princípio, ainda em solteira, é que tratavas a Taylor por Taylor. Mas, seja como for, Mrs Anthony não é a Taylor.

Godfrey entrou. Beijou Charmian. Esta disse-lhe:

— Bom dia, Eric.

— Ele não é o Eric — disse Dame Lettie.

Godfrey franziu o sobrolho à irmã. Irritava-o dar-se conta de que ela se parecia com ele. Abriu *The Times*.

— Há muitas notícias necrológicas, hoje? — perguntou Charmian.

— Oh, não sejas lúgubre — disse Lettie.

— Queres que te leia a necrologia, minha querida? — disse Godfrey, virando as páginas do jornal à procura da rubrica e desafiando a irmã.

— Bom, gostava que me lesse as notícias da guerra — disse Charmian.

— A guerra acabou em mil novecentos e quarenta e cinco — disse Dame Lettie. — Se é, de facto, à última guerra que te estás a referir. Mas talvez estejas a pensar na Primeira Grande Guerra, não? Ou, talvez, na da Crimeia...?

— Lettie, por favor — disse Godfrey. Notou que a mão de Lettie vacilava ao levantar a chávena e que a crisão involuntária que lhe afligia a grande bochecha esquerda do rosto se tornara mais pronunciada. Pensou como estava, apesar de tudo, muito melhor do que a irmã, aquela sua irmã mais nova, que ainda não tinha mais de setenta e cinco anos.

Mrs Anthony assomou à porta da sala.

— Está ao telefone alguém que quer falar com Dame Lettie.

— Oh, mas quem é?

— Não quis dizer o nome.

— Pergunte-lhe quem é, se faz favor.